

---

## TESTEMUNHO DA EXPERIÊNCIA DA INFÂNCIA NO EXÍLIO E SUA REPRESENTAÇÃO NO CONTO PARA CRIANÇAS *CURRUPACO PAPACO*, DE ANA MARIA MACHADO.

Ladyana dos Santos Lobato <sup>1</sup>

**Resumo:** Analisamos, neste artigo, o testemunho da experiência da infância no exílio de filhos de perseguidos e desaparecidos políticos da Ditadura Militar de 1964, ocorrida no Brasil, e a forma com essa experiência foi representada no campo literário. Para isso, selecionamos dois objetos de estudos: 1) a narrativa testemunhal, intitulada *O exílio do meu pai foi a nossa despedida, da sobrevivente Suely Coqueiro* (2014); 2) a narrativa ficcional *Currupaco Papaco*, da escritora Ana Maria Machado (1982). Utilizamos como referencial teórico os estudos sobre exílio e narrativas do exílio (Said, 2003; Vidal, 2004; Montañés, 2006) e o conceito de estado de exceção (Agamben, 2004), sobrevivência (Pelbart, 2016) e Utopia (Szachi, 1972). Nesta pesquisa, verificamos a possibilidade de discutir sobre “narrativa do exílio”, a partir da compreensão do exílio como um lugar utópico, espaço de liberdade e resistência, mas também como um dispositivo de sobrevivência.

**Palavras-chave:** Testemunho; Exílio; Sobrevivência; Utopia.

**Abstract:** In this article, we analyze the testimony of the childhood experience in the exile of children of persecuted and disappeared politicians of the Military Dictatorship of 1964, in Brazil, and the form with this experience was represented in the literary field. For this, we selected two objects of study: 1) the testimonial narrative, titled *The exile of my father was our farewell, by the survivor Suely Coqueiro* (2014); 2) fictional narrative *Currupaco Papaco*, by writer Ana Maria Machado (1982). We used as a theoretical reference the studies about exile and exile narratives (Said, 2003; Vidal, 2004; Montañés, 2006) and the concept of state of exception (Agamben, 2004), survival (Pelbart, 2016) and Utopia (Szachi, 1972). In this research, we examine the possibility of discussing “narrative of exile”, from the understanding of exile as a utopian place, space of freedom and resistance, but also as a survival device.

**Keywords:** Testimony; Exile; Survival; Utopia.

---

<sup>1</sup> Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Doutoranda em Letras - Estudos Literários - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: ladyanasl@ufpa.br

## INTRODUÇÃO

Prisão, tortura, desaparecimento e outras experiências caracterizadas pela violência constituíram a forma de governabilidade utilizada durante a Ditadura Militar de 1964, ocorrida no Brasil. Neste sentido, muitos viram uma possibilidade de resistência ao estado de exceção por meio do exílio, relacionado, em alguns casos, às iniciativas armadas, que visavam à soltura de militantes presos ou perseguidos políticos. Em outros casos, ainda, estava relacionado à recusa de viver em um país em ditadura. Nesta perspectiva, devemos considerar que as crianças também foram atingidas, pois acompanharam os pais e/ou parentes na experiência de viagem ao exílio e viveram na clandestinidade, com nomes e sobrenomes falsos. Em alguns casos, as crianças foram afastadas de suas famílias, enquadradas como subversivas e banidas do país.

Para que possamos evidenciar essas questões, realizamos uma pesquisa sobre testemunhos de filhos de perseguidos e desaparecidos políticos que reportam experiências da infância no exílio. Dentre o material levantado, destacamos o testemunho de Suely Coqueiro, filha de Aderval Alves Coqueiro, assassinado pela ditadura, em 1971. Suely Coqueiro nasceu em Prado (BA), em 29 de novembro de 1960, e atualmente mora e trabalha em Brasília (DF). A sobrevivente testemunhou para a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo *Rubens Paiva*, no dia 28 de maio de 2013, na ocasião dos seus 54 anos de idade.

O testemunho de Suely Coqueiro foi publicado, em 2014, na obra *Infância Roubada*, que reuniu o depoimento de cerca de quarenta (40) filhos de presos políticos, perseguidos e desaparecidos da ditadura. No processo de publicação, o testemunho de Suely Coqueiro foi intitulado *O exílio do meu pai foi a nossa despedida*, frase proferida pela sobrevivente. O testemunho em questão apresenta uma visão utópica do exílio, isto é, um espaço de liberdade, no qual é possível viver livre das condições de aprisionamento impostas pelas relações sociais e políticas dos países em regime de ditadura.

Essa característica pode ser observada em outras narrativas testemunhais. Assim como, em narrativas ficcionais publicadas para crianças nas décadas de 1970 e 1980. Isso significa que, no campo literário, alguns escritores representaram, em seus textos, a forma como as crianças foram atingidas pela Ditadura Militar e como estas compreenderam a experiência do exílio, corroborando com a construção de uma visão utópica do exílio.

Assim, pretendemos analisar, neste artigo, a experiência da infância de Suely Coqueiro no exílio e a sua representação no campo literário, sobretudo, em uma narrativa produzida para crianças. Para realizar esta análise, selecionamos o conto intitulado *Currupaco Papaco*, da escritora Ana Maria Machado. O conto foi publicado, em 1982, na Coleção *Taba: Histórias e Músicas Brasileiras*, projeto idealizado pela Editora Abril Cultural (1968-1982), que disponibilizou, no mercado, um conjunto de 40 (quarenta) contos para crianças acompanhados de discos de vinil.

Na narrativa testemunhal de Suely Coqueiro, assim como na narrativa ficcional de Ana Maria Machado, textos selecionados para este estudo, verificamos a possibilidade de se discutir sobre o conceito de *narrativa do exílio*, sem recair nas nuances do ressentimento ou do saudosismo, mas pensando a configuração do termo, a partir da compreensão do exílio como um espaço de liberdade e condição produtiva para a reflexão sobre a resistência ao autoritarismo em estados de exceção.

Utilizamos, como referencial teórico, os estudos sobre exílio e narrativas do exílio, dentre os quais, destacamos as contribuições de Edward Said (2003) e das autoras Paloma Vidal (2004) e Amanda Pérez Montañés (2006), além do conceito de estado de exceção, conforme elaborado por Giorgio Agamber (2004). Abordamos ainda a ideia de sobrevivência, segundo os pressupostos de Peter Pál Pelbart (2016), bem como as discussões teóricas sobre Utopia, de Jerzy Szachi (1972).

Nesta pesquisa, verificamos que o exílio não é somente um dispositivo de resistência, mas também de sobrevivência, pois um conjunto de elementos inerentes a essa experiência, tais como a solidão, a nostalgia, o medo e a insegurança, acompanham o sobrevivente em sua viagem ao exílio, antes que este possa chegar a um destino utópico.

## 1. NARRATIVA DO EXÍLIO: BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA

Discorreremos sobre narrativas do exílio considerando a forma como a Ditadura Militar de 1964 atingiu adultos, jovens e crianças, separando-os de suas famílias, de suas raízes, obrigando-os ao exílio em outros países. Essa discussão, no entanto, requer pensarmos o tema para além de uma experiência específica, pois o exílio é resultado da dominação e opressão, que caracterizam a história da humanidade. De acordo com Montañés (2006):

A história da humanidade poderia escrever-se a partir das histórias do exílio porque desde o início o homem tem vivido em permanente opressão e fuga: fuga de si mesmo e dos outros. Também tem realizado grandes ações, grandes construções: conquista de terras remotas, fundação de cidades, guias de grandes migrações, descobrimento de continentes, exploração de mares, governo de povos. Todas essas obras “magníficas” em sua grande maioria foram feitas graças ao labor dos refugiados, asilados, prisioneiros de guerra, escravos, todos vítimas da opressão e expulsão (MONTAÑÉS, 2006, p. 15).

O homem encontra na prática da fuga, de si mesmo ou de outros, uma resposta a diferentes tipos de experiências caracterizadas pelo autoritarismo e pela violência. Nesse sentido, percebemos que o enfrentamento ao estado de exceção, por exemplo, não corresponde à única forma de resistir à opressão. Em alguns casos, a fuga é vista como uma possibilidade de resistência; em outros casos, como a única saída. Conforme mostra Montañés (2006):

[...] o verdadeiro exílio – a “viagem política” – se inicia quando uma pessoa é expulsa pela força de seu próprio país (desterro), ou quando, por força das circunstâncias, é obrigada a fugir para não morrer, ou quando há a expulsão através de manobras “burocráticas” sutis ou grosseiras (MONTAÑÉS, 2006, p. 60).

Acontece que, no local do exílio, a experiência do sobrevivente caracteriza-se pela marca do trauma. Segundo Montañés (2006):

A marca do trauma do exílio fica refletida na perda da identidade, na dor, na fratura e no estranhamento. (...) Na realidade, todo exilado é um náufrago que luta por sobreviver num território estranho onde o desespero, a aniquilação e o silêncio se fazem presentes. Existem muitas estórias e histórias que apresentam o exílio como uma condição heroica, gloriosa ou romântica, e esquecem, porém, a dor da orfandade oculta em seu interior. No âmago de sua solidão, o exilado sente, no silêncio de seu ser, o verdadeiro destino da existência humana (MONTAÑÉS, 2006, p. 16).

Acompanha o exilado, de acordo com Montañés (2006), o sentimento de culpa por ter sobrevivido à perseguição ou ao genocídio, enquanto familiares, amigos e companheiros foram mortos ou desaparecidos. Neste contexto, “[o] exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar” (SAID, 2003, p. 45). Para Said (2003):

Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 45).

O exilado não assume totalmente a nova realidade, vive em permanente trânsito, exaltando o passado e criando mecanismos de substituição afetiva. Nesse sentido, o despojamento faz da linguagem o único vínculo que o exilado pode conservar com seu país, “mas, desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável)” (SAID, 2003, p. 56). Por isso, conforme Vidal (2004), o exílio foi, sem dúvida, um lugar de resistência para escritores e outros exilados. Para ratificar essa idéia, a autora faz referência ao texto *América Latina: exílio y literatura*, apresentado, em 1978, por Júlio Cortázar, no “Colóquio Literatura latinoamericana de hoy”:

Cortázar propõe que a distância pode funcionar como uma arma contra as ditaduras na medida em que o escritor exilado tem a possibilidade de denunciar ao mundo o que está acontecendo em seu país. Mas para isso é preciso que ele se liberte da nostalgia e da tristeza, “conotações românticas” que tradicionalmente estiveram ligadas ao exílio, assumindo o que ele pode oferecer de positivo, a saber, a possibilidade de enxergar a realidade latino-americana sob um ângulo diferente (VIDAL, 2004, p. 40-41).

O posicionamento apontado por Cortázar (apud VIDAL, 2004) está voltado para a concepção de que o exílio pode ser produtivo, quando se abandona o ressentimento e o saudosismo, e se abre espaço para a reflexão. Para Said (2003, p. 49):

(...) os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto crucial é que uma situação de exílio sem essa ideologia triunfante—criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo — é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje.

Sendo assim, o “exílio é uma ruptura que, por um lado, gera uma revisão intensa da história pessoal e coletiva que de outro modo talvez não se fizesse” (VIDAL, 2004, p. 46). Por isso, uma análise sobre narrativas do exílio não deve deixá-lo como um acontecimento histórico concreto, pois a linguagem não funciona como uma mera representação da história, mas como uma ferramenta de luta e resistência:

Há nessas narrativas um desejo de modificar a história e uma consciência de que as mudanças acontecem como se conta a história. É na superfície textual, na própria língua, que a literatura age sobre a história, ação que está potencialmente ao alcance de qualquer escrita. Não se trata de um mecanismo de causa e efeito, mas de uma prática complexa de inserção no mundo cujo âmbito é uma diversidade de experiências discursivas. É fundamental, portanto, na análise das narrativas do exílio, expressar a dinâmica entre essas experiências e a história específica sobre a qual elas agem mais diretamente (VIDAL, 2004, p. 62).

A narrativa do exílio coloca-se à margem dos discursos hegemônicos, questiona, denuncia, reflete e abala os princípios políticos, sociais e linguísticos. Se, através da língua, exerce diversas formas de relação de poder, “o exílio funciona como uma estratégia subversiva que faz surgir práticas alternativas no interior da linguagem. A literatura é um lugar de exílio no sentido de uma prática discursiva dissidente” (VIDAL, 2004, p. 62).

Assim, o “exílio é um lugar do qual se enunciam as perdas e se tenta reconstruir um nós esfacelado, o lugar perdido da nação. Mas, se esse lugar está perdido, é possível fazer de qualquer lugar o seu lugar” (VIDAL, 2004, p. 47). Por isso, alguns escritores reelaboraram a visão do exílio enquanto um lugar utópico, caracterizado por ser um espaço de liberdade, alteridade e autonomia. Para alcançar esse “lugar”, cada um protagoniza a viagem à sua maneira: “há aqueles que mudam de país, que mudam de nacionalidade, há aqueles que vão mais longe e aqueles que se perdem, mas todos invariavelmente viajam. O exílio é mais uma dessas viagens, que em muitos casos se torna uma viagem escrita” (VIDAL, 2004, p. 52).

Estamos diante, portanto, de uma escrita da resistência, a qual persiste na busca pela realização utópica, mas que, nesse processo, representa também a experiência do exílio como uma forma de sobrevivência. “O exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro.” (SAID, 2003, p.60). Dessa forma, sobreviver no exílio, em narrativas testemunhais e ficcionais de protagonismo infantil, é uma experiência utópica, no entanto, as marcas do sofrimento são deixadas pelo caminho, conforme veremos nos tópicos seguintes.

## 2 EXPERIÊNCIA DA INFÂNCIA NO EXÍLIO: TESTEMUNHO DE SUELY COQUEIRO

Suely Coqueiro inicia seu testemunho discorrendo sobre a forma como sua família foi atingida pela Ditadura Militar. A sobrevivente relembra os sumiços do pai, as reuniões em sua casa e as perseguições, após o golpe de 1964. A narrativa apresenta também denúncia de restrições à infância, segundo Suely Coqueiro (2014, p. 57): “(...) não podíamos brincar com a amiguinha da vizinha, não podíamos ficar fora do portão na rua brincando (...)”. Na época, a testemunha tinha 07 anos de idade e “não conseguia entender o porquê daquela situação” (COQUEIRO, 2014, p. 57). Porém, atenta para os acontecimentos, quando sua família começa a viver em fuga, devido ao pai cair na clandestinidade. Relembra que o pai foi preso, torturado, banido para Argélia em 1970 e morto em operação policial do DOI-Codi/RJ, quando voltou clandestinamente ao Brasil, em 1971.

O autoritarismo e a violência caracterizaram a forma de governo no período da Ditadura Militar, instituindo um “estado de exceção”. O termo é abordado por Agamben (2004), para fazer referência ao momento em que determinado governo suspende as normas constitucionais de uma sociedade para implantar outra ordem jurídica. Ou seja, roga-se ao direito de suspender os direitos fundamentais da população e legitimar novas leis, criando, com isso, algumas monstruosidades jurídicas. O “estado de exceção apresenta-se como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal” (AGAMBEN, 2004, p.12).

Dessa forma, mesmo após a morte do pai, a família de Suely Coqueiro é perseguida pelo estado. A sobrevivente afirma, em seu testemunho: “não demorou muito para nós recebermos a informação de que estavam procurando a minha mãe (...). Aí veio o processo de organização para nos levar ao Chile. Este processo também foi terrível. Não tivemos tempo de luto, de nada. Nem tempo de despedir da nossa família” (COQUEIRO, 2014, p.58).

Suely Coqueiro vivencia a primeira experiência de fuga para o exílio quando criança. Sua família é banida por meio de iniciativas armadas que visavam à soltura de perseguidos políticos. Naquele momento, a fuga para o exílio representa uma possibilidade de resistência ao estado de exceção, mas também uma forma de sobrevivência, uma vez que, devido às circunstâncias, a família de Suely Coqueiro é obrigada a fugir para não ser eliminada pela força policial. Para a testemunha, a fuga para o exílio é uma experiência terrível. Na descrição da viagem, observamos o sofrimento sentido pela sobrevivente devido à mudança de clima, à insegurança, ao medo, à perda de referências, elementos que caracterizam a situação de vulnerabilidade sentida pela testemunha, na infância:

Para chegar ao Chile, passamos pela Argentina. Eu lembro do vento gelado das Cordilheiras dos Andes, até chegar em Santiago, isso tudo uma coisa atrás da outra. (...) Esta situação constante de estar de um lado para o outro mais as inseguranças e os medos, refletiram para o resto de minha vida. (...) Você não tem infância e o fato de não ter infância, é perder referências, não ter raízes verdadeiras (...). (COQUEIRO, 2014, p.58).

Segundo Suely Coqueiro “a sobrevivência, foi ficando muito crítica”, devido à articulação de golpe no Chile. Devemos destacar o uso do termo “sobrevivência”, utilizado pela testemunha, pois este configura uma “modalidade de vida”, conforme discutido por Pelbart (2008), resultante das relações de poder que reduzem o homem a uma dimensão residual, não humana, e produzem um estado de sobrevida biológica. Para o autor, “[a] sobrevida é a vida humana reduzida a seu mínimo biológico, à sua nudez última, à vida sem forma, ao mero fato da vida, ao que Agamben chama de vida nua” (PELBART, 2008, p. 5).

Dessa forma, verificamos que Suely Coqueiro, quando criança, não conseguia entender aquela situação, no entanto, na ocasião de seu testemunho, aos 54 anos de idade, percebemos o reconhecimento de sua mera condição de vivente, devido ao logro de todos os seus direitos fundamentais, do despojamento do ser, do fato de ser alguém que não vivia, apenas sobrevivia. É necessário frisar que:

A condição de sobrevivente é um efeito generalizado do biopoder contemporâneo, ele não se restringe aos regimes totalitários, e inclui plenamente a democracia ocidental, a sociedade de consumo, o hedonismo de massa, medicalização da existência, em suma, a abordagem biológica da vida numa escala ampliada, mesmo quando promovida num contexto de luxo e sofisticação biotecnológica (PELBART, 2008, p. 4-5).

No testemunho de Suely Coqueiro, verificamos uma mudança nessa condição de sobrevida, quando sua família precisa fugir novamente e exilar-se em Cuba:

A chegada em Cuba foi na condição de criança que não sabe o que lhe espera, depois de tanta coisa que aconteceu. Mas foi a melhor coisa que aconteceu conosco. Lá nós fomos muito bem atendidos, recebidos, acolhidos. (...) Foi lá que realmente eu comecei a ter infância porque aqui [no Brasil] não tinha, nós não tivemos infância. Lá, eu comecei a estudar, a ter círculos de amigos pela primeira vez na vida. Amigos da minha idade, amigos que podia marcar para se encontrar embaixo do prédio onde morava, fazer grupinho de teatro junto. (...) Começamos a ter uma vida normal, a aprender como é ter uma vida normal, a gente tinha liberdade de ser criança (COQUEIRO, 2014, p.59).

Na ocasião, com quase 12 (doze) anos de idade, Suely Coqueiro demonstra o medo e a insegurança ao chegar ao novo local de asilo. No entanto, de acordo com a sobrevivente, os anos em Cuba foram maravilhosos, pois, no país, alcançou a liberdade de ser criança. De acordo com Szachi (1972), o termo utopia é utilizado para designar qualquer visão de uma sociedade melhor, dessa forma, verificamos que Cuba representa, para a testemunha, esse tipo de sociedade. Quando a manifestação da utopia está em determinada região geográfica do mundo, estamos diante de uma utopia de lugar. Para Szachi (1972) a utopia de lugar é:

(...) a convicção de que o país feliz existe mas está separado de nós por mares e oceanos, desertos e continentes, fronteiras e barreiras. Para chegar lá é preciso

abandonar o que para outros, talvez, é a felicidade mesma; há que renunciar a tudo aquilo que herdamos e que nos foi dado. Não se pode ser cidadão dos dois mundos ao mesmo tempo. A conquista do novo mundo é ao mesmo tempo o abandono do velho (SZACHI, 1972, p. 45).

Assim, verificamos que a viagem de Suely Coqueiro ao exílio alcançou um destino utópico, isto é, um local ideal, o desejo utópico de cidade, onde seria possível viver plenamente, em paz, segurança e liberdade:

Quando você já passou por tanto terror, medo, perda, quando você chega num lugar onde encontra paz, você quer esquecer o que aconteceu, prefere não falar, prefere não tocar no assunto e quer desfrutar ao máximo esta paz e segurança que te é oferecida (COQUEIRO, 2014, p.59).

Para Suely Coqueiro o retorno para o Brasil foi extremamente difícil. Se houvesse a possibilidade de escolha, a testemunha viveria em Cuba, pois sua pátria não lhe trazia boas lembranças. Recordemos que o medo, a insegurança, as perdas, entre outros elementos, apontam para a questão da vulnerabilidade e acompanham a experiência da infância de Suely Coqueiro, no Brasil, bem como, no caminho percorrido até chegar a Cuba.

Assim, o desfecho do testemunho de Suely Coqueiro é caracterizado pela nostalgia. Atualmente, a sobrevivente mora no Brasil, mas considera que Cuba “é muito mais pátria que o Brasil.” (COQUEIRO, 2014, p. 61). Dessa forma, a saudade sentida é do local de exílio, pois existe, em torno desse lugar, a construção de um imaginário utópico. Suely Coqueiro ainda demonstra sua gratidão aos companheiros que ficaram no Brasil e resistiram à ditadura por meio da luta. A sobrevivente reconhece a importância dessas pessoas para a redemocratização do país.

### 3 REPRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA INFÂNCIA NO EXÍLIO EM NARRATIVAS FICIONAIS

Neste tópico, pretendemos analisar como a experiência da infância no exílio é representada no campo ficcional, mais especificamente no conto para crianças *Currupaco Papaco*, de Ana Maria Machado. O conto apresenta uma releitura do contexto histórico da Ditadura Militar de 1964, no Brasil, bem como, da experiência do exílio. Foi publicado no período de contingência do momento histórico em questão, além disso, é de autoria de uma escritora presa pelo governo militar e exilada na Europa.

O conto apresenta a relação de poder existente entre um vendedor da cidade de Roseiral, chamado Seu Manoel, e um papagaio chamado Paco. De acordo com o conto: “Narrador – [Paco] Era um papagaio muito falador. Tudo o que ouvia repetia. E, quando cansava, inventava” (MACHADO, 1982, p. 4). Acontece que Seu Manoel não aceitava esse tipo de comportamento realizado pelo personagem, por isso o repreendia: “Seu Manoel – Cala esta boca, louro...” (MACHADO, 1982b, p. 4). O papagaio vivia aprisionado com uma corrente



aos pés. De acordo com o conto, conseguiu quebrar as correntes e fugiu. Seu Manoel ficou exasperado e perseguiu o papagaio para aprisioná-lo novamente, porém não obteve êxito.

Nesse contexto, percebemos que elementos como a ameaça, a violência, a prisão e a perseguição, funcionam como metáforas para discutir o crime político utilizado contra líderes sindicais, militantes, jornalistas e intelectuais, à época da Ditadura Militar. É uma estratégia da narrativa ficcional para representar a forma como o estado de exceção tolheu o direito à liberdade e estabeleceu novas normas, com a justificativa da “necessidade”. De acordo com Agamben (2004), uma opinião recorrente tem colocado o conceito de necessidade como fundamento do estado de exceção, tendo em vista que “a necessidade não tem lei, o que deve ser entendido em dois sentidos opostos: ‘a necessidade não reconhece nenhuma lei’ e ‘a necessidade cria sua própria lei’ [...]” (AGAMBEN, 2004, p. 40).

Por isso, como já afirmamos, muitos viram na fuga para o exílio uma possibilidade de resistência à opressão: “ocorrem situações, contudo, onde a fuga é uma proclamação de luta, e pode ser mesmo a única proclamação possível” (SZACHI, 1972, p. 45). Essa experiência é representada na narrativa ficcional, tendo em vista que Paco encontrou, na quebra das correntes e na fuga da venda de Seu Manoel, a única saída para cantar e dançar. O papagaio chegou a um porto e conheceu o comandante de um navio, o qual o convidou para ser sua mascote e viajar pelo mundo. Paco aceitou o convite do comandante e a viagem tornou-se a rota de fuga do personagem. Essa passagem representa o início da viagem ao exílio. Diferente da narrativa testemunhal, na qual a viagem ocorrera por meio de iniciativas armadas, que visavam à soltura de perseguidos políticos, na narrativa ficcional em questão, observamos a representação da experiência daqueles que se exilaram devido à recusa de viver em país em ditadura.

De acordo com a narrativa, “o louro ia feliz, sem corrente, sem ninguém que ficasse mandando calar a boca” (MACHADO, 1982, p. 7). Conheceu novos amigos, entre eles a gai-vota, o golfinho e a baleia. Ficou encantado com a imensidão do mar e do céu, além disso, cantou e dançou várias vezes a canção que mais gostava: “Balancê”, da cantora Gal Costa. No entanto, devido à rota da viagem, cada dia ficava mais frio, e Paco começou a sofrer as consequências disso: espirrou, tremeu de frio e tossiu. O comandante pediu-lhe paciência, mas como aquela situação se agravou: “Paco – Brrrrr! Ai, que horror! Eu vou virar picolé de papagaio... Que vento frio! Aaaaaatchim! [...] Aaaaaatchim! Brrrrr! Não aguento mais... Eu quero ir embora, não quero esse frio nunca mais, nunca, nunquinha! Aaaaaatchim!” (MACHADO, 1982, p. 11).

O excerto acima reproduz o sofrimento sentido pelo sobrevivente durante a viagem ao exílio, devido à mudança de clima e ao estranhamento das novas condições de vida. Essa característica é bastante recorrente em narrativas do exílio, verificamos, por exemplo, que, no testemunho de Suely Coqueiro, existe a lembrança do vento gelado das Cordilheiras dos Andes.

O personagem continuou: “Paco – Nem paciência, nem ciência! Não adianta nada, seu lobo do mar. Eu estou é com frio, eu estou é sozinho, eu estou é gelado, eu estou é triste e com saudade!” (MACHADO, 1982, p. 11). Nesse excerto, percebemos que Paco queixou-se do frio, da solidão e da saudade. O personagem estava adoecendo e não conseguia fazer amizades com focas e ursos polares. Mas a saudade de Paco era por motivos específicos:

Comandante – Saudade da venda do seu Manoel, onde você disse que morava antes?

Paco – E alguém lá pode ter saudade de corrente no pé e grito de cala a boca? Que é isso, seu lobo do mar! Eu tenho saudade é do calor, das comidas que eu gosto, de quem acha graça nas mesmas coisas que eu, saudade dos amigos... (MACHADO, 1982, p. 11).

No discurso de Paco, percebemos a saudade da pátria, do calor, das comidas típicas da região e dos amigos, ou seja, é possível observar a presença da nostalgia. De acordo com Montañés (2006):

O exílio não é só um estado físico, espacial e temporal, também é um estado mental. O sentimento de perda primordial remete-nos a um sentimento ainda mais profundo que nos acompanha permanentemente no exílio: a nostalgia, entendida como a melancolia produzida no exílio pelas saudades da pátria (MONTAÑÉS, 2006, p. 29-30).

Nessa perspectiva, verificamos que a narrativa ficcional apresenta certa especificidade com relação à narrativa testemunhal. Enquanto o personagem do conto sente saudades de sua pátria, Suely Coqueiro sente saudades do exílio, pois sua pátria não lhe traz boas lembranças. Devemos considerar, no entanto, que, com a anistia, a sobrevivente é obrigada a voltar ao Brasil. Esse retorno ao local de origem não acontece na narrativa ficcional.

De acordo com o conto, Paco chegou a uma ilha “linda”. Nesse lugar, existia um mercado colorido e crianças que dançavam a música que tocava no rádio. Essa visão lhe proporcionou felicidade, portanto, a viagem ao exílio representada no conto alcança o seu destino utópico: um lugar melhor. De acordo com Szachi (1972):

As utopias mais clássicas, ou, em outras palavras, as criações que com mais frequência têm sido qualificadas como utópicas, são as utopias de espaço – descrições de algum lugar feliz, algum cenário fantástico. Ilhas em mares distantes, a lua, os planetas, o mundo subterrâneo, países sustentados no ar como balões, um canto ignorado do mundo; a imaginação dos escritores parece ser ilimitada. A própria etimologia da palavra indica um lugar (topos) que não existe (SZACHI, 1972, p. 29).

Não encontramos de forma explícita, no conto, a localização geográfica da ilha, no entanto, “deve-se acreditar que a existência de um tal país é possível e provável. Conhecer onde está, é desnecessário” (SZACHI, 1972, p. 30). O personagem principal do conto encontrou um lugar utópico para viver, pois se sentiu seguro, respeitado e acolhido pelas crianças que moravam na ilha. Nesse lugar, a relação de posse foi substituída pela relação de amizade; a posição subjugada, pela autonomia; e a prisão, pela liberdade.

Dessa forma, na narrativa ficcional analisada, a representação da fuga para o exílio funciona como uma forma de resistência, pois implica a ruptura com determinada forma de vida e a sua substituição por outra, mas também uma possibilidade de sobrevivência. A viagem ao exílio, do personagem Paco, chega ao seu destino utópico, no entanto, não devemos esquecer que, para alcançar essa nova forma de vida, o personagem vivenciou o sofrimento, a saudade, o medo e a angústia, aspectos inerentes à experiência da infância no exílio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, verificamos que a narrativa testemunhal *O exílio do meu pai foi a nossa despedida*, de Suely Coqueiro, e a narrativa ficcional *Currupaco Papaco*, de Ana Maria Machado, enfocam, mais precisamente, a temática do exílio a partir de

algumas características fundamentais. As narrativas apresentam a descrição de um espaço ou de relações sociais caracterizadas pelo autoritarismo, violência e suspensão dos direitos. A resistência ou rompimento com determinada condição autoritária ocorre por meio da fuga/viagem ao exílio ou representação dessa experiência. Além disso, o exílio é uma viagem que possui um destino utópico, mas também um caminho caracterizado pelo sofrimento, medo, insegurança e outros elementos constituintes da situação de vulnerabilidade da infância.

Dessa forma, verificamos que as crianças compreenderam o exílio como uma experiência de busca pela liberdade, possível de ser alcançada por meio da fuga. Nesse contexto, a fuga também é uma prática de resistência, pois representa o rompimento com determinada situação aversiva, para ceder espaço à outra realidade social, e a substituição de um modelo de existência, de uma experiência individual, por outra completamente diferente.

A experiência do exílio é uma condição necessária para sobreviver, em alguns casos, a única possibilidade de preservação da vida. Essa experiência é caracterizada pelo logro dos direitos fundamentais, pela vida reduzida ao seu mínimo, pois a viagem ao exílio é bastante dolorosa. O sobrevivente perpassa por um caminho de medo, insegurança, angústia e perda, de tal forma que as lembranças de restrições à infância emergem significativamente no testemunho de Suely Coqueiro. Essa experiência é representada na narrativa ficcional de Ana Maria Machado, por meio da criação de personagens excêntricos, figuras de linguagens, metáforas, comparações, uso da fantasia e outros elementos linguísticos capazes de fazer as referências históricas relacionadas ao tempo de produção da narrativa.

Encontramos, nessas narrativas, a construção de uma visão utópica do exílio. Cuba é um “porto seguro” para Suely Coqueiro, local onde a sobrevivente sente-se acolhida, respeitada e segura. É, portanto, um local melhor para se viver. Verificamos a representação dessa visão do exílio na configuração da ilha “linda” que Paco e o comandante do navio chegaram, após longos dias de viagem, a qual também é considerada pelos viajantes como um local ideal. Em linhas gerais, um caminho caracterizado pelo sofrimento, que conduz a um destino utópico, seria a forma como algumas crianças compreenderam a experiência de viagem ao exílio e como esta fora representada no campo literário.

Assim, essas narrativas nos ensinam sobre a resistência que o alcance de um futuro de liberdade somente será alcançado se for conduzido pelas mãos das crianças, pois, nessas

produções, a representação da infância é a utopia. Em época de violência, a reflexão sobre o autoritarismo é uma atividade necessária, pois pondera sobre a força exercida pelo regime ditatorial, mas também sobre as relações de poder existentes atualmente na sociedade e a constante busca do ser humano em viver um espaço/tempo de utopia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. O Estado de Exceção como paradigma de governo. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 9-49.
- COQUEIRO, Suely. O exílio de meu pai foi a nossa despedida. In: Comissão da Verdade do Estado de São Paulo: *Infância Roubada: Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: ALESP, 2014, p. 57-61.
- MACHADO, Ana Maria. *Currupaco Papaco*. São Paulo: Editora Abril, 1982.
- MONTAÑÉS, Amanda Pérez. *Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba*. 2006. 203 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PELBART, Peter Pál. *Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica*. Conferência proferida no dia 3 de outubro de 2008 no Ciclo “O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão”, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. Disponível em: <[www.iea.usp.br/textos](http://www.iea.usp.br/textos)>. Acesso em: 25 dez 2016.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.
- SZACHI, Jerzy. *As Utopias ou a Felicidade Imaginada*. Tradução de Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: Literatura e exílio no cone sul*. São Paulo, AnnaBlume Editora, 2004.